

Travessias no Tempo: Arte & Jung

Irene Gaeta⁵

O livro **Travessias no Tempo: Arte & Jung** é fruto dos integrantes do departamento de Arte e Psicologia da Associação Junguiana do Brasil.

O livro em síntese, abrange todo o percurso da psique humana, retratada na variada produção artística ao longo dos últimos 30 mil anos. Da arte rupestre até as redes sociais, dos dias atuais, entendemos que é preciso cautela e clareza na construção de um território de ação quando áreas distintas do conhecimento – como Arte e Psicologia Analítica – aproximam-se e, juntas, propõem novas possibilidades de abarcar, compreender e configurar o complexo universo das manifestações e relações comunicacionais humanas. Isso porque suas fronteiras tendem a borrar-se e, conseqüentemente, perder-se daquilo que as uniu.

De um lado, a transformação que o processo – de criação, reflexão e produção em Arte – acarreta no ser humano, ao dar configurações visíveis de seus pensamentos em diferentes linguagens artísticas autônomas (desenho, escultura, pintura, gravura, performance, música, teatro). E de outro, a psicoterapia, cujos modos de análise, interpretação e discussão reconhecem as camadas profundas da psique.

Neste contexto, o objetivo é oferecer o instrumental não só teórico, mas também vivencial do processo transformador em Arte, através do contato com os princípios formais que alicerçaram as pesquisas poéticas de artistas junto ao processo e à consolidação de um projeto artístico pessoal, com temas individuais contextualizados e em constantes diálogos com os conceitos e modos de produção em Arte.

No Brasil, Nise da Silveira foi a pioneira tanto em trazer a Psicologia Analítica como em utilizar recursos expressivos, o que culminou com o atual Museu de Imagens do Inconsciente. Na década de 1950, manteve correspondência com Carl G. Jung e, estimulada por ele, realizou em 1957, em Zurique, a exposição intitulada “A Esquizofrenia em Imagens”, ocupando cinco salas no II Congresso Internacional de Psiquiatria. No ano de 2012, quarenta mandalas dos pacientes de Jung foram apresentadas ao público pela primeira vez no Oglethorpe University Museum of Art em Atlanta, nos Estados Unidos.

⁵ Psicóloga (PUC-SP), Mestre em Gerontologia (PUC-SP) e Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professora do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, dando Supervisão de estágios em clínica no Núcleo de Psicoterapia, segundo o enfoque da Psicologia Analítica integrada às técnicas de Abordagem Corporal. É Analista Junguiana, IJUSP/ AJB. Membro da International Association for Analytical Psychology (IAAP). Coordenadora da Pós-Graduação em Psicologia Analítica, Arteterapia Junguiana, Psicoterapia Junguiana, Psicogerontologia e Terapias Corporais e Artísticas da Universidade Paulista. Atua na área clínica desde 1990, atendendo adolescentes e adultos. Autora dos livros: *Memória Corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida* (2020); *Arteterapia e Mandalas. Uma Abordagem Junguiana* (2010); *Arteterapia e o Corpo Secreto - Técnicas Expressivas Coligadas ao Trabalho* (2006); *Arteterapia de Corpo e Alma* (2004) e *Arteterapia - Um Novo Campo Do Conhecimento* (2007). Organizadora dos livros *Travessias no Tempo: Arte & Jung* (2022) e *Alquimia na Clínica* (2022).

Essa exposição de mandalas dos pacientes de Carl G. Jung foi originalmente chamada de “The Sacred Round: Mandalas by the Patients of Carl Jung” (*tour* virtual pelo museu disponível em: <<http://museum.oglethorpe.edu/about/virtual-tour/>>, acesso em: 5 abr. 2023).

Embora Jung não considerasse suas pinturas obras de arte, seu **Livro Vermelho** abriu a exposição internacional da 55ª Bienal de Arte de Veneza, O Palácio Enciclopédico, apontando para o espiritual na arte.

Carl Gustav Jung incluiu a expressão artística no contexto clínico analítico. No entanto, sua trajetória pessoal também foi marcada pela relação profunda com a arte: sua própria experiência resultou nos livros de registros pessoais **Os Livros Negros** e **O Livro Vermelho**, onde pôde expressar as imagens do inconsciente, personificá-las e estabelecer o diálogo entre a consciência e as imagens que emergiam da psique profunda. Por meio da pintura, escultura, escrita, ou seja, da arte em geral, Jung compreendeu que se abrem as brechas pelas quais nos conectamos com a Alma.

Para Jung, a função da psique é fantasiar e imaginar de forma autônoma. Ele compreendia a fantasia como linguagem da psique e destacava que essa expressão ocorre ininterruptamente todos os dias. Segundo essa noção, o artista teria, intrinsecamente, a qualidade criativa e seria levado a submergir no universo inconsciente, conectando-se com as forças ali presentes. Tais forças seriam patrimônios culturais da espécie humana, que ali se encontram disponíveis e sustentam a Alma coletiva.

Nesse livro, buscou-se reunir e construir compreensões psicológicas de diferentes expressões artísticas, refletindo a riqueza presente nesse campo, através das diversas modalidades que compõem o universo artístico. Entende-se que é este universo que traz – como potência – a capacidade de permitir as pontes necessárias para a expressão e transformação da psique.

A respeito da articulação entre arte e Psicologia, Jung apontava:

O artista e o analista navegam no mesmo mar, mas o artista veicula os símbolos emergentes sem intenção de fazê-lo, já o analista a dirige para o mesmo campo, o inconsciente, na intenção de entrar em contato com os símbolos. (Jung, Vol. XV)

Em sua prática clínica, Jung incentivou muitos pacientes a se expressarem através de pinturas, desenhos e modelagens. Além de adotar essa prática em sua experiência profissional, ele próprio se recolhia muitas vezes para dedicar-se a essas formas de expressão não verbal. Para ele, essas expressões da psique podem e devem ser incluídas em algum momento da vida e configuram uma via de expressão para os conteúdos inconscientes e símbolos, como um espaço de integração.

Dessa forma, a força que uma imagem carrega pode contribuir para que ocorram transformações da personalidade, conforme descrito por ele:

O inconsciente possui mentalidade de caráter instintivo, sua lógica é totalmente distinta daquilo que entendemos como pensar. Apenas cria uma imagem que corresponde à consciência, impregnada de ideia e sentimento, não é racional, é quase uma visão artística. (JUNG, OC 7/2, §289)

Nesse livro, também procurou-se analisar as imagens da Alma, que nos visitam diariamente durante nossos sonhos e manifestam o nosso universo psíquico. Enquanto experiência individual, os sonhos são resultantes da imersão no mundo inconsciente. Funcionam como pontes entre consciente e inconsciente, possibilitando, assim, o diálogo entre essas instâncias. Os complexos se corporificam por meio de imagens. Com base nisso, Jung sugeria a seus pacientes que pintassem os sonhos, de forma que pudessem dialogar com as imagens.

Na obra foi apresentada uma pesquisa feita com pacientes em tratamento de dependência química em uma unidade do SUS/DF. A pesquisa desenvolvida evidencia as contribuições profundas da Arteterapia e da Psicologia Analítica no trabalho com essa população.

Ainda há uma apresentação sobre arte & lou(cura) para discussão. Neste contexto, destaca-se o trabalho da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, que, baseando-se nas ideias de Carl Gustav Jung, orientou seu trabalho a partir da perspectiva do olhar simbólico. Seu interesse pela pesquisa e pelo entendimento mais profundo das pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas dos pacientes graves levou à ampliação do olhar e à busca do entendimento, bem como de seu efeito curativo (para além da sintomatologia do paciente).

Nesse contexto, terá destaque a dramaturgia de nossos sonhos, que se apresentam em cenários, com construções, casas, paisagens e clima. Somos arquitetos deste cenário onírico. O ambiente do sonho é também um personagem que nos conta em qual lugar da psique nós estamos. Nesse sentido, também é possível observar uma intersecção entre as imagens oníricas, a arte arquitetônica e a manifestação psíquica.

Entendendo a arte sob o ponto de vista junguiano como advinda das camadas mais profundas da psique e do inconsciente coletivo, podemos observar as expressões imagéticas em tempos longínquos da espécie humana. Uma das características centrais da arte é a atemporalidade. Suas bases encontram-se apoiadas no solo abissal que nos origina e contém, onde estão os arquétipos, aquilo que nos une e sustenta. É a *anima mundi* se expressando em cada gesto do fazer artístico. Os primeiros registros artísticos visuais encontrados são gravuras, relevos, desenhos e pinturas, realizados a partir do período Paleolítico (50 mil anos a.C.), presentes nas diferentes regiões do mundo.

A arte rupestre, encontrada em Goiás, no Planalto Central do Brasil, que testemunha a existência humana naquela região, será um tema em discussão, permitindo-nos, através das imagens gravadas na Gruta das Araras, por exemplo, traçar pontes e nos aproximarmos. Assim, pode-se buscar entender as bases da Alma ancestral brasileira como

aquilo que nos formou, caracterizou e animou, antes da chegada do homem europeu às praias brasileiras.

Na arte, na mitologia e nas culturas de todos os tempos, encontramos as imagens arquetípicas. Dentre as mais antigas, estão as representações artísticas do arquétipo materno, retratadas nas estatuetas de figuras femininas do Paleolítico datadas de cerca de 30 mil anos. Tendo em vista nossas heranças greco-romana e judaico-cristã, observamos como se apresentou o arquétipo materno em imagens e mitos das antigas deusas Gaia e Deméter, identificando possíveis relações simbólicas com a iconografia cristã através das figuras das Madonas e tecendo algumas reflexões sobre a vivência da maternidade na atualidade.

Com o livro, ainda é possível recordar que a vivência das imagens do inconsciente, além dos sonhos, pode se dar por meio de várias outras formas de expressão criativa, como a escrita, a escultura, a pintura, o desenho e, também, a dança. O caráter corpóreo presente na dança, envolvendo a pessoa por inteiro, oferece a oportunidade de trabalhar e atingir conjuntamente ambas as dimensões – física e psíquica. É por meio da reflexão e da análise dos processos que a dança parece mobilizar a psique, que em sua prática pode ser fonte e ferramenta criativa de construção de conhecimento e conexão pessoal.

O texto é encerrado com uma reflexão acerca do simbolismo presente na pós-modernidade, oferecendo ênfase importante no fenômeno das redes sociais. O percurso narrado incita reflexões essenciais para a compreensão do simbolismo na vivência do indivíduo pós-moderno.

Diante deste panorama, pode-se constatar que a arte e as imagens da psique permeiam a vida e a Alma humana, configurando uma ponte entre inconsciente e consciência no âmbito individual e no coletivo. O papel central da arte ao longo da nossa cultura foi o principal elemento motivador e guia para a articulação e pesquisas que compõem este livro, que busca ampliar os conhecimentos acerca desta forma de expressão tão valiosa e rica em símbolos e significados.

A psique se organiza no tempo e no espaço, mas a arte possibilita a travessia nessas dimensões.

É uma particularidade da alma não apenas ser mãe e origem de toda ação humana, como também se expressar em todas as formas e atividades do espírito. Não podemos encontrar em parte alguma a essência da alma em si mesma, mas somente percebê-la em suas múltiplas manifestações.